

AFASTAMENTO OU INSPIRAÇÃO: A SEXUALIDADE NO ENSINO DO POLE DANCE

Mariana Ghignatti Fagundes¹

André Luiz dos Santos Silva²

RESUMO

O Pole Dance chega de forma marcante para os brasileiros em 2007, com a interpretação de uma *stripper* em uma novela de rede nacional. A modalidade carrega um estigma sociocultural, sendo associada de maneira intrínseca à sexualidade e sensualidade. A prática consiste em utilizar uma barra de metal na vertical para realizar acrobacias e danças, utilizando de forças contrárias. Mesmo possuindo uma base, caracteriza-se a partir de três vertentes: Pole Exotic, Pole Art e Pole Sport. Dessa forma, é marcado por conflitos que buscam delimitar o que explora a sexualidade daquilo que é tido como esportivo. Assim, há professoras que a partir de suas falas, metodologias e até mesmo roupas exploram ambos mundos, da sexualidade e do esporte, porém outras preferem estar relacionadas apenas com o esporte. Neste sentido, o objetivo do trabalho é compreender como mulheres professoras de Pole Dance narram a sensualidade/sexualidade em suas práticas pedagógicas. Para os processos teórico-metodológicos, utilizou-se da construção de um diário de campo a partir de cursos de capacitação sobre Pole e de cinco entrevistas semi-estruturadas com professoras que ministram aulas para crianças e adultos, tendo a sexualidade como norteadora. Como resultado, foi compreendido que, para as professoras, há diferenças marcantes entre Pole Exotic e Pole Sport, dançarinas e atletas. Assim, a sexualidade passa a ser entendida como uma escolha da praticante. Possuindo duas visões, negativa ao relacionar-se a vulgaridade ou sendo celebrada em momentos específicos, ligados ao espaço privado, como uma forma de “surpreender” seu companheiro dentro de um relacionamento heteronormativo.

Palavras-chave: Pole Dance, Sexualidade, Sensualidade.

1 Mestranda do Curso de Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, profenanafagundes@gmail.com;

2 Orientador: pós-doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, andrels@ufrgs.br;

INTRODUÇÃO

Dança. Sensualidade. Pouca roupa. Boate noturna. *Stripper*. Noite. Sexo. Essas são palavras que remetem, de forma quase que intrínseca, ao falar de Pole Dance. Em 2007, centenas de brasileiros e brasileiras sentavam para assistir na Rede Globo, a atriz Flávia Alessandra interpretando uma *stripper* na novela *Duas Caras*, sendo o marco temporal da modalidade no Brasil (LEAL, 2013). Não há como negar a relação entre a prática com as representações socioculturais. Porém, há um processo de reivindicar o “espaço único” de clube noturno para o Pole Dance, explorando novas formas e lugares.

A prática do Pole Dance consiste em utilizar uma barra de metal na vertical para realizar acrobacias, que podem ser combinadas com movimentos de danças. Essa barra pode ser estática ou pode estar girando em torno do seu próprio eixo. Além de possuir uma lógica base de movimentos que demandam forças contrárias e aderência da pele com o metal.

Ainda que haja uma base de movimentos, o Pole difere-se das demais modalidades esportivas porque possui múltiplas maneiras de praticar. Cury (2018) caracteriza em três vertentes principais: Pole Exotic, Pole Art e Pole Sport. O Pole Exotic é a forma mais conhecida culturalmente, porque busca explorar a sensualidade e a sexualidade, usando até mesmo roupas, acessórios e o *floorwork* (dança que utiliza o plano baixo, o chão, para os movimentos). Já o Pole Art, utiliza de outras danças como ballet, contemporâneo focando em uma expressividade e movimentos fluidos. Em contrapartida, o Pole Sport usufrui dos signos de uma modalidade esportiva, possuindo códigos rígidos e operando em uma lógica similar à ginástica artística.

Por existir uma gama de possibilidades de praticar, há uma divisão gerada por causa de conflitos entre as próprias pessoas praticantes, metodologias e estúdios, de acordo com Narciso (2022). Se de um lado temos pleaser [salto alto específico para a prática, medindo 17 cm no mínimo], roupas curtas, tapa-sexo e músicas sensuais, do outro temos roupas com medidas milimétricas para cobrir os glúteos e seios, apresentações com músicas instrumentais e código de movimentos obrigatórios.

Ainda, esses dois pólos de sensualidade e esporte explicitam mais uma discordância essencial para o estudo: a origem. Historicamente, o primeiro registro mundial da performance teria sido em 1968, com a apresentação de Belle Jangles no clube de striptease *Mugwump*, nos Estados Unidos (CINTI et al., 2022). Já o primeiro estúdio, visando ensinar para fora das boates, foi inaugurado na década de 90, no Canadá, fundado por uma *ex-stripper*, a Fawnia Dietrich (CURY, 2018). Além

de *stripper*, Fawnia estava inserida no mundo esportivo a partir do Fisiculturismo, no qual possui inúmeras premiações. Assim, compreende que o Pole pode estar nesses dois lugares, de sensualidade e esportividade (OFFICIALLY FAWNIA, 2020).

Porém, há quem faça uma relação com as práticas tradicionais milenares, como o *Mallakhamb* e o Mastro Chines. O Mastro Chinês, utiliza uma barra de borracha, enquanto o *Mallakhamb* realiza acrobacias em um poste de madeira, práticas tradicionais ditas masculinas e feitas por homens (NARCISO, 2022). Esse processo de afastar-se daquilo que é visto nos clubes noturnos é uma forma de tentar limpar a prática procurando torná-la digna. A autora materializa essas histórias construindo uma linha do tempo no meio acadêmico: tendo início em 1135 d.C, com a primeira menção ao *Mallakhamb*, depois no século XII sobre o Mastro Chines, de 1920 a 1950 artistas burlescas, em 1968 a primeira performance, para finalmente a popularização das casas de striptease em 1980 e finalizando com o ensino do Pole Dance por Fawnia na década de 90.

No Brasil, a professora Alessandra Valença preparou e ensinou a atriz Flávia para a novela, que durou de outubro de 2007 a maio de 2008. Antes desse marco, em 2005, Alessandra iniciou seus estudos com uma *stripper* tcheca em 2005 (NARCISO, 2022). Após as aparições na maior rede de TV aberta, conquistou fama divulgando a “dança no poste” e seus benefícios para a saúde das mulheres (AFTIMUS, 2006). De acordo com Kynae Narciso (2022), a partir dessa popularização em 2008, Grazyzy Brugner e Ligya Britto fazem sua formação na Argentina e inauguram seus estúdios sendo pioneiras no Brasil. Grazyzy torna-se referência para as profissionais que vieram depois no sul do país, já que seu estúdio localiza-se no Paraná.

Ao alcançar novos públicos, a prática passa por um processo de sistematização, com a criação de entidades que vão regularizar o Pole Dance. Sendo fundada em 2009, a Federação Brasileira de Pole Dance (FBPOLE) foi pioneira no campeonato brasileiro, o Brasil Pole Dance Fitness, e na criação de um código de pontuação. Além disso, a presidente até hoje é a Grazyzy Brugner (GRAZZY BRUGNER, 2023). Ainda, criando caminhos para a fundação da Confederação Brasileira de Pole Dance, em 2010. Com intenção de suprir as necessidades específicas da modalidade esportiva foram criadas a Confederação Brasileira de Aéreos e Pole Sport, em 2019 e a Liga Brasileira de de Aéreos e Pole Sport, em 2021.

A partir dos conflitos que marcam o Pole Dance, torna-se perceptível que há um processo de apropriação de uma ou mais versões que fazem sentido para a construção do espaço para a prática. Neste sentido, signos vão sendo constituídos e decodificados, por exemplo a *pleaser* como marca do Pole Exotic ou as roupas esportivas para o Pole Sport.

Desse modo, as expressões das maneiras de praticar o Pole Dance constituem desde o ambiente, metodologia, roupas, decorações e até mesmo a postura de quem está ministrando a aula. Criando um ambiente que condiz com os signos que fazem sentido serem transmitidos para quem está ali, ajudando a reforçar esses significados. Consequentemente, há professoras que exploram a herança das strippers e aquelas que buscam aproximar-se de uma lógica esportiva. Sendo assim, o objetivo do estudo é compreender como mulheres professoras de Pole Dance narram a sensualidade/sexualidade em suas práticas pedagógicas.

METODOLOGIA

Os processos metodológicos tiveram início em uma aproximação com um Centro de Treinamento (CT) específico para crianças e adolescentes, que trabalha Pole Sport e Art, localizado no interior de Santa Catarina, norteou a produção e construção dos dados. Cabe aqui ressaltar que a pesquisadora principal do estudo pratica Pole Dance desde 2020, possuindo um maior acesso a esses espaços e, naquele momento, visava estudar para profissionalizar-se como professora da modalidade.

Duas observações participantes ocorreram, uma durante a visita ao CT, em maio de 2022, outra em um estúdio no interior do Rio Grande do Sul em junho do mesmo ano. Ambas aulas ocorriam apenas para crianças, de idades diversificadas. Além disso, duas capacitações na área foram realizadas. Dessa forma, o diário de campo foi acionado como um instrumento essencial para descrever de forma densa as conversas, debates e metodologias encontradas nesses ambientes. Mais tarde, o diário possibilitou a criação de um roteiro de perguntas para as entrevistas.

A partir da proprietária e treinadora do CT, foi possível a inserção em um grupo de conversas no *Whatsapp*. Para participar desse grupo, era necessário ter interesse ou já ter capacitação em algum dos cursos ministrados pela metodologia criada por ela. Assim, possibilitando acesso a uma rede de professoras espalhadas pelo sul do Brasil. Cinco delas posteriormente tornaram-se interlocutoras da pesquisa.

Essas cinco professoras ministram aulas tanto para crianças quanto para adultos e possuem seus próprios espaços, também sendo empresárias. Por estarem todas espalhadas em cidades do sul do país, a estratégia utilizada para acontecer as entrevistas foi através de vídeos chamadas pelo *Whatsapp*. Com o consentimento prévio das colaboradoras, as ligações foram gravadas a fim de serem transcritas, para então analisadas.

Com propósito de proteger as identidades, todos os nomes foram trocados por fictícios. Além disso, todas as professoras concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Informado (TCLI). O material empírico produzido foi analisado apoiado nas proposições de Robert Yin (2016) o qual divide procedimentos de análise de dados qualitativos em cinco momentos: decompor, tendo os dados em fragmentos menores, podendo ter novos ‘rótulos’ ou códigos; recompor, a nova organização dos dados a partir da decomposição; interpretar, usando o material decomposto para criar novas narrativas; concluir, a partir das interpretações geradas dos materiais produzidos.

A sexualidade foi compreendida como um eixo norteador da pesquisa, desenhando os processos metodológicos. Portanto, a sexualidade é compreendida como algo social e político, ocorrendo um processo de aprendizagem sem fim, durando ao longo da vida e de diferentes modos (LOURO, 2000). As identidades sexuais, assim como as de gênero, são plurais e fluidas. Neste sentido, de acordo com a autora, as possibilidades são estabelecidas e codificadas socialmente, tanto as identidades de gênero quanto as sexuais são compostas e definidas pelas relações sociais, moldadas pelas redes de poder.

Ainda, o corpo é o produto a partir de um conjunto de identidades, marcas sociais e culturais, produzido através de signos. De acordo com Louro (2000), somos treinados para perceber e decodificar essas marcas, classificando sujeitos a partir de seus comportamentos, gestos, reconhecendo o “outro” fundamentado pelo lugar social que ocupamos. Desse modo, Weeks (1996) indica que a linguagem da sexualidade é avassaladoramente masculina. Compreendendo as representações sociais de norma empreendidas em corpos masculinos, brancos, de elite e heterossexuais, o corpo necessita de disciplina, principalmente, o corpo de quem foge da norma, nesse caso, mulheres. Há uma preocupação em disciplinar esses corpos, limitando suas manifestações, curiosidade e interesses de prazer são remetidos ao momento privado, em segredo, de acordo com Louro (2001).

Compreendendo como base esses entendimentos citados anteriormente, os dados analisados possuem um “jogo de cintura” interessantíssimo. Por meio das observações descritas em diário de campo e das conversas, torna-se possível interpretar que há uma motivação para a separação entre aquilo que é sensual daquilo que é esportivo. Nesse sentido, empenhadas em produzir outros sentidos para o Pole, até para as crianças também fazerem parte dessa modalidade, as entrevistadas investem em propostas que há momentos e maneiras em que a sexualidade e o Pole Dance podem coexistir.

“O [pole] sensual é muito bonito, acho lindo, mas eu prefiro a parte do pole esporte”: modos de enxergar e caracterizar a prática do Pole Dance

Analisando o material construído, tanto a partir da descrição densa do diário de campo quanto das entrevistas com as professoras, compreende-se que há dois mundos paralelos, um que aproxima-se com outras vertentes e outro que busca se afastar o máximo possível. Porém, todas as professoras concordam que o Pole Dance tem origem a partir das *strippers* na década de 90, inspirando-se em outras práticas corporais que também trabalhavam a expressão artística na época, como o burlesco. Uma das entrevistadas afirma esse passado, porém questiona que não há necessidade de esquecer da história, mas, hoje, pode-se trabalhar mais os movimentos acrobáticos.

É interessante perceber que, mesmo tendo similaridade nas modalidades em que ensinam, há uma diferença em como a prática foi concebida e é compreendida nas suas vidas e, conseqüentemente, passada em suas aulas. Assim, materializa-se que o Pole é uma prática fluída, plural e concebida de maneira singular, a partir das vivências e trajetórias de cada indivíduo. Ao serem questionadas sobre o que é o Pole Dance, uma resposta complementou a outra trazendo ideias de “transformação”, “superação” e “estilo de vida”.

Em mais um momento em que as interlocutoras construíram argumentos complementares, mesmo estando em entrevistas individuais, relacionou-se ao estigma social associado ao Pole Dance, principalmente, ao preconceito envolvido com a prática. As cinco mulheres narraram sobre situações desconfortáveis que precisaram refutar e argumentar sobre o que realmente é a prática e como funciona, na visão de cada uma delas. Contextos que envolviam pessoas de fora da bolha do Pole, citados os profissionais de saúde, familiares, amigos e pessoas próximas. Uma das professoras relaciona o Pole à persistência, explicando que muitas pessoas vão tentar desvalorizar a caminhada ao ver que está propondo algo diferente.

Envolver-se em uma prática carregada de estigmas e representações sociais requisita uma demanda de força de vontade, argumentação e, ainda, paciência para que essas barreiras sejam quebradas ou, pelo menos, abaladas, como visto no depoimento acima. Nesta mesma ideia, a trajetória de uma outra interlocutora representa e alinha como os signos atravessam a modalidade e quem pratica. Gisele, relata que conheceu a prática “na noite” vendendo o corpo na barra e, que para ela, hoje estar entre as melhores, sendo reconhecida no meio, faz parte da essência dela, como professora, dançarina e pessoa. Ainda, narra sobre os momentos de dificuldade que passou quando estava trabalhando na boate e “quem virou

as costas” falavam sobre as suas apresentações, eram as pessoas conhecidas, que um dia já foram sua rede de apoio.

Socialmente, a sexualidade das mulheres ainda é entendida como um tabu, fadada a estar apenas em contextos específicos para ser entendida com ‘bons olhos’. Aquelas que reivindicam para si as suas escolhas relacionadas à sexualidade enfrentam obstáculos, nesses casos, sendo associadas às casas noturnas, strippers e prostituição. No Brasil, o sexo e a sensualidade das mulheres são celebradas por fazerem parte da “natureza” do brasileiro. Porém, quase 60% das mulheres desaprova a exposição deste corpo, seja por roupas curtas ou na mídia (CHAMCHAM; MAIA, 2004).

Além disso, o nome dado à barra de Pole torna-se mais uma preocupação com o intuito de afastar-se daquilo que remete às boates noturnas. Um(a)s chamam de barra, barra vertical, até mesmo mastro. Uma das professoras exemplifica como ocorre na aula dela, “aqui não tem poste, pau, é nada disso. Temos barra e mastro chinês. Tento corrigir, mas às vezes não tem muito o que fazer quando o preconceito está enraizado na pessoa”. O preconceito é visto de uma forma intrínseca na cultura, sendo necessário contrapor de maneira incessante. Joana explica que, muitas vezes, o preconceito vem de dentro de casa, dos próprios familiares, não querendo enxergar a diferença que esse esporte pode fazer para a vida das pessoas.

Por esses fatores citados, há um processo de tentar dividir o universo do Pole Dance em duas caixas diferentes: sexualidade X esporte. Empenhando-se para transformar as “dançarinas” de Pole Exotic em “atletas” de Pole Sport. Dessa forma, cria-se um empenho para distinguir as práticas. As professoras concordam que são diferentes e explicaram quais são as características próprias de cada vertente. Assim, caracterizando o Sport como “melhora o condicionamento físico, postura, flexibilidade e força” enquanto o Exotic “foca na sensualidade, leveza, poder e expressão artística”. Entretanto, para executar qualquer tipo de movimento utilizando a barra, torna-se necessário algumas capacidades e habilidades motoras, entre elas a força, flexibilidade e coordenação motora.

Neste sentido, uma das interlocutoras descreve que durante a sua trajetória, buscou deixar nítida a diferença entre as vertentes, por causa dos preconceitos e para obter aceitação da cidade em que abriu o estúdio. Todavia, depois de anos investindo no discurso de “Pole é um exercício físico”, Monique compreendeu que não fazia mais sentido para ela tentar separar a prática. Hoje em dia, ela explora a modalidade explicando para as pessoas que o Pole pode ser tudo aquilo que quiser que seja. Outra professora, conta que, como seu maior público são as crianças e adolescentes, ela não trabalha a sensualidade, por entender que não é o

momento de vida para falar sobre e muito menos explorar. Porém, não vê problema na prática sensual.

Sendo assim, o Pole passa por um processo de uma tentativa de divisão como forma de reivindicar o estigma social sobre a sensualidade e sexualidade. As professoras buscam estratégias para tornar palpável e material seus discursos e metodologias, espalhados em paredes, nomes de movimentos, conversas e roupas. Como forma de refutar os preconceitos envolvidos com a modalidade.

“Não sendo aquela coisa de vulgaridade”: de quais formas a sexualidade é vista e compreendida

Algumas das interlocutoras exploram outras vertentes do Pole, inclusive o Exotic, seja nas suas aulas, falas, metodologias ou até mesmo no ambiente. Já as demais, procuram focar na modalidade esportiva, em campeonatos, treinamentos específicos e código de movimentos. Nesse momento torna-se extremamente importante a divisão entre aquelas que também ministram aulas de Pole Exotic, o sensual, daquelas que só trabalham com a vertente esportiva, o Pole Sport. Das cinco entrevistadas, duas trabalham apenas com o esporte e as outras três também utilizam da sensualidade em determinados momentos.

As professoras que ministram aulas de mais de uma vertente explicam que há diferença na forma de praticar, pois para cada uma há um foco específico, como citado anteriormente. Assim, uma delas caracteriza que não há necessidade em colocar a *pleaser*, apagar as luzes “ficar toda empoderada, maquiada e com o cabelo maravilhoso” para treinar um combo de movimentos acrobáticos que vai cair no chão de cansaço. Ainda, enfatiza que é super possível fazer os movimentos característicos de cada vertente juntos, mas, para quem está recém começando, explicita que o aprendizado é separado e fragmentado.

Além disso, o empoderamento é associado ao Pole Dance junto de outros atributos como autoestima e autoconfiança, assim chamando atenção de pessoas de diferentes idades e corpos (GONÇALVES, 2021). Complementando essa ideia, Mattes (2018) em seu estudo que investigou quais os motivos que levam a pessoa a praticar, compreendeu que além dos benefícios motores, é extremamente comum ver propagandas chamando atenção para os benefícios psicológicos e sociais, como a autoestima, a autoimagem e o empoderamento feminino.

A autora Gonçalves (2017) reflete que, o momento pré-aula, no qual as alunas tiram suas roupas “comuns” e colocam as roupas específicas da prática, top, short, hot pants, maiôs, de diferentes tamanhos e formatos, estão em um processo de despir-se além da roupa em si, estão se despidendo de uma lógica, de uma

posição social o que permitirá a criação de um novo corpo. Sendo assim, cria-se um novo espaço que possibilita que praticantes descubram sobre si mesmos, suas capacidades, forças e, até mesmo, sintam-se confortáveis para explorarem o proibido, nesse caso, a sexualidade.

Nesta ideia, há uma necessidade em disciplinar os corpos e sexualidade dos sujeitos, a partir de uma preocupação social com a vida dos seus membros, criando normas e regras para esse fim (LOURO, 2001). Assim, a autora ainda pontua que há uma renovação da vigilância sobre a sexualidade, com objetivo de limitar as suas manifestações, curiosidade, interesse e, conseqüentemente, as experimentações do prazer são associadas ao segredo e aos locais privados.

Quando citada a sexualidade envolvida na prática, ainda mais quando mencionado o Pole Exotic, as três entrevistas relacionam-se como um poder de escolha individual da praticante, dependendo das suas vontades e gostos. Neste sentido, uma das professoras conta que, na metodologia que criou, o Pole baseia-se nas apresentações de casa noturna, explorando um lado *freestyle*. Gisele, ainda cita que, como essas performances, em clubes noturnos, são ricas e que para ela “o pole veio totalmente disso pra minha vida”, porém, levanta a questão que há mais formas de trabalhar além daquilo que é visto no palco.

Outra interlocutora sinaliza que divide as vertentes em duas maneiras: a artista e a treinadora. Ou seja, a artista explora o Pole Exotic da sua forma mais “*Old School*”, inspirada e realizada nas boates de *striptease*, apresentando-se em casas noturnas, de salto alto e com performances que remetem ou que são nesses espaços. Já a treinadora, prefere trabalhar a modalidade esportiva, o repertório motor e focado no desenvolvimento de atletas. Realçando que as duas vertentes têm suas demandas e suas importâncias, precisando levar em conta aquilo que faz bem para quem pratica.

Entretanto, para as duas professoras que somente se associam ao Pole Sport, o discurso adquire outros atravessamentos. A interlocutora Luiza relata que, no início da sua trajetória, conheceu a prática que explora a sensualidade e como é professora de educação física, viu uma oportunidade. Ela possuía um entendimento que “não sou sensual, eu não sou da dança”, tinha dificuldades em ensinar o Pole Dance e, assim, questionou-se de trazer a modalidade para suas aulas, com metodologias pedagógicas, para mais idades e de formas diversas.

Hoje, seu público é infanto-juvenil, ela não trabalha sobre sensualidade e sexualidade porque não faz parte da fase infantil. Mas, não vê problema na modalidade sensual. Ela utiliza-se desse afastamento como forma de argumentação e aproximação aos familiares sobre o que as crianças treinam e dançam dentro do ambiente supervisionado. Complementando esses questionamentos sobre o Pole

Dance, a outra professora narrou o dia em que uma mãe perguntou se não haveria nada vulgar para a sua filha. Ou seja, a vulgaridade, a sensualidade e a sexualidade são preocupações relevantes para o ambiente.

Os ambientes para a prática do Pole Dance aparentam necessitar estar de acordo com o universo criado naquele momento para a prática. Neste sentido, a vulgaridade, sensualidade e sexualidade até podem existir, desde que haja uma justificativa e um momento propício. A professora Giovanna elucida que a oposição não é sobre a sensualidade em si, desde que seja feita de maneira “bem feito, não assim uma coisa vulgar é lindo de ver, [...]”, só que o povo generaliza e não pesquisa onde vão as outras vertentes, entendeu”. O que para ela, é uma barreira imensa, já que prefere trabalhar com Pole Sport e o Pole Art que se encaixa nas regras e condutas da modalidade esportiva.

Entendendo como uma questão importante a ser delimitada e afastada, a sexualidade, para Giovanna, é entendida como reduzir a prática como algo só: boate noturna. Além do mais, explica que há uma diferença entre as suas alunas mulheres que só gostam de dançar daquelas que possuem um companheiro homem. Para as solteiras, apenas explica e, às vezes, demonstra como um combo de movimentos podem ser encaixados em uma dança, mas salienta que é “só com música, nada de sensual”. Porém, para as que estão em um relacionamento heteronormativo ela relata de outra forma:

“E aí pras alunas mulheres casadas, com namorado eu digo que elas podem ir mais pro sensual caso queiram fazer uma surpresa. Dou umas dicas do tipo “é só empinar um pouco mais o bumbum, vai de ladinho, trazendo a performance”. Os movimentos são os mesmos”.
Entrevista com Giovanna, 22/07/2022

Culturalmente, compreendemos as nuances da sexualidade pelos olhos dos homens, já que a linguagem é avassaladoramente masculina (WEEKS, 1996). Como efeito, expectativas sexuais são construídas, com intuito de reprimir e controlar os corpos masculinos e femininos de formas divergentes. Entendendo a sexualidade como algo privado e censurado, relacionar o Pole Dance com as dançarinas de boates, as *strippers*, torna a prática inapropriada para ser evidente socialmente, necessitando, assim, de disciplina. São inúmeras estratégias disciplinares para que seja possível aprender com a vergonha e a culpa, experimentando a censura e o controle, acreditando que questões que envolvem a sexualidade sejam temas privados (LOURO, 2001). Principalmente, quando estamos falando de pessoas que fogem da norma de homem, branco, cisgênero, heterossexual e de elite.

No caso deste estudo, as mulheres, estando no centro dessa sexualização dos seus corpos. Uma das interlocutoras ressalta que aparenta que os estúdios, professoras “estão buscando cada vez mais focar em uma ‘abertura’ com apenas um tapa sexo”, auxiliando para que haja um desmerecimento da prática. Dessa forma, regras são sendo impostas para esses corpos femininos para que sejam dignos de respeito, como nos campeonatos de Pole Sport e Pole Art, que os figurinos precisam cobrir os seios e os glúteos, não podendo fazer alusão a nudez (APS, 2021).

Além disso, Cury (2018) pontua que performances tidas como sensuais e sexuais no Pole Dance costumam explorar a feminilidade, independente do seu gênero. A autora também pontua que, a dicotomia público/privado divide homens e mulheres em lugares específicos, a mulher tendo o seu lugar naquilo que é associado ao lar, maternidade, no caso privado e ao homem o local político e público. Da mesma forma, Kynae Narciso (2022), apresenta que a mulher, que desnuda ocupa o espaço público, está fadada a uma atração, objetificação do seu corpo e sua própria desvalorização. O erótico de uma mulher cisgênero é pensado em uma inibição que, quando ultrapassado, é plausível de reprovação. Ademais, a autora pontua que por causa da noção do trabalho que envolve a sexualidade, a mulher que dança é associada a uma pessoa vulgar que desmerece credibilidade.

Neste sentido, entende-se que a mulher praticante de Pole Exotic, explorando a sua sensualidade, seja por querer e gostar ou por estar trabalhando sua autoestima, autoconfiança e empoderamento, precisa se sujeitar a estar apenas em determinados espaços, como os estúdios, campeonatos/apresentações de Pole Exotic ou nas boates. Trabalhar a sexualidade de maneira exposta, pública, faz com que haja questionamentos associados ao caráter, trabalho e até mesmo condições de ocupar locais coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pole Dance, sendo uma prática carregada de estigmas e representações sociais, tende a dividir praticantes em universos que aparentam serem opostos, o esporte, no Pole Sport, e a sensualidade, do Pole Exotic. Assim, as vertentes são caracterizadas por tensões que tentam delimitar o espaço das diferentes maneiras de praticar, seja por uma tentativa de esportivização ou de excitação as *strippers*.

Neste sentido, a partir das conversas com professoras que ministram aulas para crianças e adultos, é possível perceber que há uma linha tênue do limite da sexualidade e a sensualidade vista como algo positivo e admirável. Nas suas

práticas pedagógicas, algumas interlocutoras entendem que esse momento é de escolha do sujeito praticante da modalidade, no qual se sente confortável e faz sentido. Já para outras, está fadado ao momento privado, seja para um companheiro ou dentro de uma boate específica para a exploração. Incentivando para aquelas que possuem um relacionamento sério e estável.

Desse modo, seja nas aulas que objetivam o esportivo ou nas aulas que possuem a sensualidade como foco, a sexualidade sempre estará associada à prática. Seja por meio de uma exploração ou de um afastamento. As práticas pedagógicas vão estar atreladas aos discursos de cada professora.

REFERÊNCIAS

AERIAL AND POLE SPORTS WORLD LEAGUE. **Regras de Competição Internacional, Regulamentos e Sistema de Pontuação**, 2021. Disponível em: https://www.libaps.org/web/images/uploads/regulation/apswl_code_of_points_portugues.pdf. Acesso em: 10 mai. 2023.

AFTIMUS, P. Sexy e... sarada!. *Viva Mais*, [S. l.], n. 433, 18 jan. 2006. beleza, p. 20-21.

CINTI, D. T. *et al.* **Revisão sistemática sobre o Pole Dance**. UFB, Research, Society and Development, v. 11, n. 3, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26470>. Disponível em: https://www.academia.edu/80697177/Revis%C3%A3o_sistem%C3%A1tica_sobre_o_Pole_Dance. Acesso em: 8 jun. 2022.

CURY, C. N. **Pole dance**: Considerações Sobre a Prática e sua Multiplicidade. Lume UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2018. DOI: <http://hdl.handle.net/10183/217421>. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217421>. Acesso em: 8 jun. 2022.

GRAZZY BRUGNER. **Sobre o autor**. Disponível em <https://grazybrugner.com.br/>. Acesso em 14 de ago. 2023.

LEAL, I. **Somos ou não somos um esporte?** Uma abordagem antropológica do pole dance. *Jornal do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA)/ Universidade Federal Fluminense(UFF)*; 2013. Disponível em: <https://jornadappga2013.files.wordpress.com/2013/06/leal-isis.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2022.

LOURO, G. L. Sexualidade: Lições da escola. *In: O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Mediação, 2003. p. 93-101. ISBN 9788577060825.

NARCISO, K. P. **Artigo definido indicativo do feminino singular:** a Pole Dance. Lume UFRGS, 2022. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/241100>>. Acesso em: 12 set. 2022.

OFFICIALLY FAWNIA. **About Me.** Disponível em: <<https://www.officiallyfawnia.com/about-me#in-the-community>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. *In: O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Mediação, 2003. p. 35-82. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/540943448/WEEKS-Jeffrey-O-corpo-e-a-sexualidade>. Acesso em: 8 jun. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** Planejamento e Métodos. London: Sage, 1984.